



# A Santa Sé

---

PAPA PAULO VI

## **AUDIÊNCIA GERAL**

*Quarta-feira, 3 de Fevereiro de 1971*

### ***O reino dos céus é o tema central da pregação do Salvador***

Muitos homens de hoje dizem que nos seria suficiente ver, pelo menos ver, Jesus Cristo, para fazermos d'Ele uma ideia nossa, uma ideia real. Habitados, como estamos, a conhecer tudo, e a tudo resumir em fórmulas brevíssimas, práticas, nominais e sensíveis, gostaríamos de ter a satisfação de O poder reconhecer, por meio de um olhar directo e imediato, com a secreta e imediata confiança de, assim, O poder julgar, avaliar e definir, e, finalmente, decidir se O devemos ou não aceitar e determinar a posição a assumir perante Ele.

Esta atitude, como dissemos de outra vez, foi a que assumiram os contemporâneos de Jesus: quem é este homem problemático? É igual aos outros homens (cfr. *Lc 4, 22*), é um profeta (cfr. *Mt 16, 14; 21, 11*), é um sedutor (cfr. *Mt 27, 63*), é o filho de David (*Mt 21, 9*)? E todos procuravam descobrir-lhe no rosto a Sua identidade. Recordai, por exemplo, o episódio que se verificou na sinagoga de Nazaré, depois que Jesus, tendo lá retornado, no princípio da Sua vida pública, leu publicamente a profecia de Isaías sobre o Messias. Diz São Lucas que « os olhos de todos estavam fixos n'Ele » (*Lc 4, 20*), primeiramente com admiração e depois com indignação e ódio, quando Jesus disse: « Cumpriu-se hoje esta passagem da Escritura que acabais de ouvir » (*Ibid. 21*).

Quanto a nós, não O podemos ver. Mas, a partir daquilo que sumariamente sabemos sobre Ele, que traços, que aspectos característicos nos permitem imaginá-Lo vivo, diante do nosso pensamento? Ainda indagamos quem e como Ele era. Começemos por excluir as características que, de modo habitual, distinguem os homens individualmente. Não era rico. O próprio Senhor disse de si mesmo: « As raposas têm onde reclinar a cabeça » (*Mt 8, 20*). Não era um homem

conhecido pela cultura. Os Seus conterrâneos admiravam-se da Sua grande sabedoria e eloquência: « Porventura não é este o carpinteiro, o filho de Maria...» (*Mc* 6, 3)? Não era um homem político, um demagogo, um agitador; Jesus repele a tentação do demónio, que Lhe oferece, em troca de um acto de servil submissão, os reinos do mundo e a sua glória (cfr. *Mt* 4, 8); e foge, depois da multiplicação dos pães, da multidão entusiasmada que O queria proclamar rei (cfr. *Jo* 6, 15). Não era um soldado, um caudilho, um homem de armas, como tantas pessoas esperavam que o Messias fosse, ou seja, o vingador e o libertador da nação hebraica; nem, muito menos, era um zelote, um revolucionário ou um contestador do domínio romano sobre o seu país. A quem Lhe tinha dirigido, sobre esta candente questão, a insidiosa pergunta se era lícito pagar o tributo a César, Ele respondera: « Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus » (*Mt* 22, 21; cfr. O. Cullmann, *Jésus et les révolutionnaires de son temps*, págs. 47 e ss.).

Então, quem é Jesus, ou, pelo menos, como se manifesta Jesus, qual é o Seu perfil, a Sua figura e a actividade que O dá a conhecer? A esta pergunta, que nos transporta ao ambiente evangélico, parece que podemos responder assim: Jesus mostrava-Se como um profeta (cfr. *Mt* 13, 57; 21, 11; *Lc* 7, 16; 7, 39; *Jo* 4, 19; 6, 14; 9, 17; etc.). Imaginai-Lo como profeta? É um homem que anuncia oráculos cheios de sabedoria e de mistério; vaticínios sobre os secretos destinos futuros; mas, especialmente, um homem que recebe e transmite mensagens divinas: Ele tem a chave dos segredos de Deus. É o arauto de uma Palavra maior do que a Sua capacidade humana (cfr. *Jo* 7, 16). Pensar em Jesus, o homem da Palavra de Deus, faz-nos penetrar profundamente no mistério da Sua Pessoa. E, aqui, deveríamos pôr fim à nossa investigação.

Mas surge espontâneamente outra pergunta mais fácil: qual era o anúncio do profeta Jesus? É preciso ir ao início da Sua pregação, que está em conexão com a do Precursor, João Baptista; ambos têm o mesmo tom profético. João exclama: « Fazei penitência, porque o reino dos céus está próximo » (*Mt* 3, 2). E Jesus ensina pouco depois: « Converti-vos porque está próximo o reino dos céus » (*Mt* 4, 17). Deveríamos agora examinar esta coincidência de palavras, estabelecendo uma comparação entre João e Jesus. Mas atrai-nos outro tema: o grande tema do reino dos céus, ou reino de Deus, tema que constitui o núcleo primário e central da pregação de Cristo. Talvez não tenhamos ainda pensado suficientemente nele.

Não podemos, certamente, nesta brevíssima e elementar exposição, dar uma ideia do « reino », anunciado por Jesus. O estudo deste tema levar-nos-ia a compreender um pouco da história de Israel e da tensão que, no tempo de Jesus, se tinha produzido no povo hebraico, na expectativa ardente e impaciente da instauração desse reino, que devia consistir, segundo o modo de pensar do povo, numa libertação política, poderosa e gloriosa, em virtude de uma personagem prodigiosa, o « ungido » de Deus, o Messias triunfador. Reino e Messias seriam os dois pontos que deveríamos estudar para penetrar no drama do Evangelho. É o que deveis fazer. Basta agora notar que Jesus acolhe a palavra decisiva, reino, e a faz própria (com efeito, Ele será condenado à cruz, como Rei dos Judeus - cfr. *Jo* 19, 19); mas Ele muda-lhe profundamente o significado.

O reino dos céus, que Jesus anuncia, inaugura e personifica, é o desígnio admirável de Deus, é o novo plano religioso, é o « mistério escondido desde o princípio dos séculos e até às gerações passadas — como disse São Paulo — e agora nos foi revelado » (*Col 1, 26*); é a economia da misericórdia e da graça, que o Cristo oferece aos homens que n'Ele crêem; é a Igreja, sinal e instrumento do reino *in fieri*; é o início de uma promessa dinâmica que orientará o caminho da humanidade redimida e eleita para a realização final da vida eterna em Deus. Quanto se teria ainda para meditar sobre este termo, sobre este reino tão simples e polivalente, tão de acordo com a mentalidade humana e tão fecundo e inovador, tão penetrante na história do mundo e de cada uma das consciências e tão concentrado na palavra e na figura de Jesus! Sim, Jesus é o profeta do reino de Deus. Ele veio e o reino está próximo. Ele é a personagem possadora, anunciadora, doadora da fórmula verdadeira, universal, incomparável para a humanidade. É o Mestre, o Pastor e o Salvador.

Não reparastes como os homens, quanto mais evoluídos são, tanto mais fanáticamente procuram o homem, que encerra em si o ideal da humanidade, que difunde por si a norma da vida, a estima de novos destinos? A nossa própria história no-lo demonstra, e infelizmente, com estultas exaltações, com desesperadas e, algumas vezes, trágicas desilusões. O antigo sonho continua: eu procuro o homem! Se soubermos fixar o olhar do espírito em Jesus, com pensamento elevado, com fé singela e com incipiente amor, a Sua figura apresentar-se-á grave e luminosa, libertadora e vinculante, diante de nós; e, ainda hoje, para nós filhos deste século exaltante e deprimente, repetir-se-á a descoberta decisiva dos dois primeiros discípulos: « Encontrámos o Messias, que quer dizer o Cristo » (*Jo 1, 41*). Estes são os votos que formulamos para cada um de vós: encontrar o Cristo! Para tanto, damo-vos a nossa Bênção Apostólica.